

com as fontes e a prudência no seu uso; a censura; a consciência; o direito à preservação da intimidade e da privacidade; os códigos deontológicos e a necessidade de formação moral.

Um livro que se recomenda especialmente a estudantes e profissionais do mundo da informação e da comunicação social.

PEDRO DE VILA-NOVA

FILOSOFIA

THOMAS-FOGIEL, Isabelle, **Le concept et le lieu. Figures de la relation entre art et philosophie**, «La nuit surveillée», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2008, 384 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08578-6.

Estamos perante uma espécie de filosofia da arte, por caminhos pouco habituais. De facto, a opção da autora – especialista em Fichte – é pensar a arte, a partir da sua relação com a filosofia, à luz de um caminho filosófico que se tem tornado cada vez mais evidente, ao longo dos últimos séculos: o caminho da superação da moderna relação sujeito-objecto.

A primeira parte do estudo constitui a base teórica do todo. Depois de explicar a importância da colocação em relação – neste caso, de arte e filosofia – para a compreensão do real e inspirando-se em Merleau-Ponty, a autora explora o significado epistemológico da «topologia», ou seja, da consideração do «lugar» na sua pertinência cognitiva. O que desemboca na compreensão da espacialização como temporalização, ou seja, da afirmação do lugar como modo de adiamento infinito de redução do real a um objecto apropriado por um sujeito.

Com base nessa ideia de lugar, o volume explora, na segunda parte, uma série de experimentações, a partir de posições filosóficas e artísticas. No final de cada «experimento», deduz-se um conjunto de elementos clarificadores da relação entre arte e filosofia. Na minha perspectiva, o contributo mais inovador e interessante deste estudo está, precisamente, nesta parte «experimental».

De facto, parte-se logo da relação entre figuração e desfiguração. E interpreta-se a arte contemporânea, assim como a filosofia, como movimento desconstrutor de uma figura claramente delimitada, cujos contornos pudessem ser objectivados. Esse processo desconstrutivo poderá ser feito por uma «contra-figura», num movimento negativista de iconoclasmo radical – que conduziria ao nihilismo total – ou por uma «vaga figura», que mantém a possibilidade de figuração, sem eliminar o movimento infinito dessa mesma figuração, na presença de uma figura final.

Em segundo lugar, explora-se a noção de «ligação», a partir de textos de Kandinsky, para opor à noção de representação. Aquela permite pensar a relação entre dialéctica e síntese, evitando a redução da síntese conceptual a uma representação completa e final do real no conceito – ou na obra. A obra – como o conceito – seriam antes o processo da própria ligação, uma espécie de síntese em movimento, a síntese como sintetizar o permanentemente sintetizável e nunca definitivamente sintetizado.

Caminhamos, depois, para a tese central do volume: o lugar da obra, como particularidade de um ente concreto, compreendido como universalização. O que só é possível, na medida em que a obra é, ela própria, o seu lugar, num absoluto que não a isola, mas lhe explora a dimensão universal. Teríamos, assim, na arte,

a realização da importante relação entre particular e universal, sem alternativas mútuas, mas como relação própria. Esse é, também, o desafio do conceito filosófico. O que permite pensar o conceito como lugar da articulação entre o particular e o universal.

Para isso, contudo, deve compreender-se a elaboração filosófica – e a produção artística – como articulação de um apelo da realidade ao sujeito e não como movimento de apropriação do real, por parte de um sujeito. Supera-se, assim, o modelo moderno de Galileu, em direcção a um modelo pós-moderno que assume a inserção do sujeito num real mais vasto, que conhece, na medida em que reconhece o apelo que esse real lhe dirige. Do conhecimento do objecto passa-se, assim, para o reconhecimento da obra. E esse é o modelo do novo modo de conceptualidade, também em filosofia.

Falta apoiar esta perspectiva em trabalhos contemporâneos de reflexão sobre a arte e de reflexão filosófica. Por isso, a autora desenvolve uma terceira parte de reflexão sobre determinadas reflexões filosóficas e artísticas: Danto, Warhol, Louis Marin, Levinas e Turrel. Torna-se, assim, evidente uma relação complexa, estreita, tensional e interminável – por vezes também indeterminável – entre arte e filosofia. Porque são muitas as «vagas figuras» – ou são muitos os «lugares», os «tópicos» – dessa relação. Um estudo desafiante, sem dúvida.

JOÃO DUQUE

ELDERS, Leo J., **Au coeur de la philosophie de saint Thomas d'Aquin**, Éditions Parole et Silence, Paris, 2009, 360 p., 235 x 150, ISBN 978-2-84573-792-1.

Este volume colige, em tradução francesa, um conjunto de conferências e de escritos do autor em livros de homenagem, no decurso de trinta anos. A maior parte foi publicada, em primeira mão, em castelhano; alguns em inglês e um em holandês. O autor, Leo J. Elders, ensinou no Japão, Estados Unidos e Roma. Actualmente é professor no seminário de Rolduc (Holanda) e na Universidade Gustav Siewert (Alemanha). É membro da Academia Pontifícia de São Tomás de Aquino.

São, ao todo, 17 estudos. Não constituindo uma exposição sistemática da doutrina do Doutor comum, abrangem uma série de pontos fundamentais da mesma. Com a mais-valia de serem tratados directamente a partir das fontes tomasianas. O primeiro estudo incide sobre São Tomás de Aquino e o platonismo. O segundo, sobre a natureza da metafísica segundo Santo Alberto Magno e S. Tomás de Aquino. O terceiro versa sobre a analogia e seus modos de predicação. Segue-se um estudo sobre a metafísica e a teologia da beleza. Vem depois um extenso trabalho (pp. 97-150) sobre os primeiros princípios, sempre, por suposto, no pensamento filosófico de S. Tomás. O sexto estudo assume a doutrina do acto de ser. O sétimo, a relação das potências ou faculdades com a alma. O oitavo versa sobre a unidade do homem. Segue-se um trabalho sobre a ética de S. Tomás. Ainda dentro da temática ética, seguem-se os seguintes estudos: sobre a moralidade dos nossos actos (X); sobre as teorias modernas acerca da liberdade, confrontadas com a doutrina de S. Tomás (XI); sobre a relação entre verdade e liberdade na vida moral ((XII); sobre a doutrina do bem comum (XIII); e sobre o trabalho (XIV). O décimo quinto estudo trata do sentido da história. O seguinte, do humanismo cristão de S. Tomás de Aquino. O último, com particular aplicação a problemática do nosso tempo,